



EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOS RECÉM-CHEGADOS AO MUNDO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA NÃO-METAFÍSICA*

EDUCATION AND TRAINING OF NEWCOMERS TO THE WORLD FROM A NON-METAPHYSICAL PERSPECTIVE

Cassiana Everling¹
Fábio César Junges²
Léo Zeno Konzen³

Resumo: O presente artigo tem como pressuposto o pensar não-metafísico. Na perspectiva não-metafísica não existe mais um ponto seguro a partir de onde o sujeito poderia se orientar ou ser orientado. Não há mais verdades fixas e imutáveis disponíveis ao sujeito para serem assimiladas e ensinadas. Não há mais uma bússola pedagógica capaz de indicar o destino de modo certo e seguro. Ao invés de verdades prontas e dadas, ao invés de bússolas orientadoras, ao invés de pontos seguros, tem-se apenas a imanência da condição humana, constituída por sujeitos que se dispõem a aprender uns com os outros na e pela linguagem. Nesta perspectiva, as gerações que se encontram por mais tempo no mundo têm a tarefa de iniciar as novas gerações na condição humana, dizendo a elas, conforme sugere Arendt, que “este é o nosso mundo”.

Palavras-chave: Condição humana. Gerações. Educação. Formação. Não-metafísico.

Abstract: The present article has as presupposition the non-metaphysical thinking. In the non-metaphysical perspective there is no longer a safe point from which the subject could orient or be oriented. There are no more fixed and immutable truths available to the subject to be assimilated and taught. There is no longer a pedagogical compass capable of indicating the destination in a sure and sure way. Instead of ready and given truths, instead of guiding compasses, instead of safe points, one has only the immanence of the human condition, constituted by subjects who are willing to learn from each other in and through language. In this perspective, the generations that are the longest in the world have the task

* O artigo foi aprovado para publicação com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

¹ Mestranda em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ, com bolsa Institucional. Graduanda em Pedagogia pelo IESA. Pós-Graduação Especialização em Supervisão Escolar e Coordenação Pedagógica pela UTP. Pós-Graduação Especialização em Docência para o Ensino Superior pelo IESA. Graduação em Normal Superior em Educação Infantil pelo IESA. Contato: cassi1902@yahoo.com.br

² Pós-Doutorando em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela UNICRUZ, com bolsa CAPES. Pós-Doutorado em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Graduado em Teologia pela URI. Graduado em Filosofia pela UNIJUÍ. Contato: fabiocesarjunges@yahoo.com.br

³ Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino. Mestrado em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduação em Estudos Sociais pela Faculdade Dom Bosco de Santa Rosa. Graduação em Filosofia pela mesma Faculdade Dom Bosco. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Contato: leokonzen@san.uri.br



of initiating the new generations into the human condition, telling them, as Arendt suggests, that “this is our world”.

Keywords: Human condition. Generations. Education. Formation. Non-metaphysical.

INTRODUÇÃO

Por muitos séculos de tradição filosófica pressupunha-se uma ideia de natureza ou de essência humana. Em boa medida, os esforços filosóficos consistiam em identificar a marca constitutiva da humanidade, enquanto elemento necessário e determinante do humano. Apesar de ao longo da história se encontrar vestígios de perspectivas que questionam esse modelo determinante, somente a partir de meados do século XIX que a filosofia assume radicalmente o caráter contingencial e, portanto, não natural do humano ou do que poderíamos chamar de mundo comum.

A noção de mundo comum pressupõe que, enquanto que as demais espécies encontram em si mesmas as possibilidades de sua constituição, o ser humano as encontra fora de si mesmo. Ao nascer como animal, desprovido de humanidade, o ser humano vai se constituindo como humano a partir da vida social, histórica e cultural que estabelece ao longo de sua vida. Necessita, por isso, além de sobreviver ao mundo, de um processo educativo que o insere *no* mundo, no sentido de assimilação e compreensão do que historicamente a humanidade tem considerado importante em termos de conhecimento, de símbolos, de cultura, de instituições, etc. A tarefa educacional consiste, nesta perspectiva, em inserir as novas gerações neste mundo já constituído e em constante constituição, a fim de que, mais adiante, possam dar sua própria contribuição. Esta tarefa, contudo, não é nada simples, uma vez que, para Kant (1999, p. 20), “entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los”.

TORNAR-SE HUMANO PELA EDUCAÇÃO



Diferente das demais criaturas, o ser humano não recebeu, naturalmente, algum lugar ou natureza própria e pré-definida, mas sim tem a liberdade e, ao mesmo tempo a necessidade de assumir a tarefa de sua própria constituição, pela educação. Em termos bíblicos significa que o ser humano, diferente das demais espécies que “têm seus ninhos e suas tocas”, “não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 20). Pelo contrário, é um ser livre para se apoderar do mundo e, assim, nele se constituir. Distinguindo-se das demais espécies, o ser humano foi alçado à condição de “quase-deus” ou de “semideus”. Mas é exatamente por não ser nem deus e nem somente animal, apesar de carregar estas duas dimensões, que o ser humano necessita de educação. Na perspectiva kantiana, “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1999, p. 15). Neste sentido,

Os homens, embora totalmente condicionados existencialmente – limitados pelo período de tempo entre o nascimento e a morte, submetidos ao trabalho para viver, levados a trabalhar para se sentir em casa no mundo e incitados a agir para encontrar o seu lugar na sociedade de seus semelhantes –, podem espiritualmente transcender todas essas condições, mas só espiritualmente. (ARENDRT, 2014b, p. 89).

Nesta perspectiva, não cabe o adágio popular de que “pau que nasce torto nunca se endireita”. O ser humano não nasce torto ou de qualquer outro modo, mas vai se constituindo ao longo de sua vida. É preciso, ao contrário, afirmar que, independente do contexto histórico, social e cultural em que o ser humano acaba nascendo, o mesmo pode se constituir e ser constituído de variadas formas. Certamente estes contextos condicionam sua constituição, mas de modo algum são determinantes. Por isso, na compreensão do filósofo Cortella, pelo fato de não nascermos prontos, não é certo, do ponto de vista humano, dizer que o ser humano envelhece. Só envelheceria se nascesse com uma natureza dada, pronta e definida. Estando em constante constituição, o ser humano está sempre por se fazer na relação com o mundo e com outros. Cada ser humano é um “produto inacabado”, sempre por se constituir singularmente, em meio à multiplicidade das experiências humanas.

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente, o homem é infame,



educando e discípulo. [...] Os animais, portanto, não precisam ser cuidados, no máximo precisam ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo (KANT, 1999, 11).

Na perspectiva de Hannah Arendt, diferente dos animais que lutam apenas pela sobrevivência, o ser humano, além da sobrevivência, constitui mundo e por ele é constituído. Certamente que, se de um lado, uma das características do humano, tal como dos animais, é manter-se vivo, por outro, também é preciso dizer que isso não é o suficiente. Mais do que manter-se vivo, o humano tem a tarefa de elaborar o seu mundo na relação com os outros, no mundo cultural, social e historicamente constituído.

Enquanto os animais possuem certa transmissão genética perfeita, os humanos carregam o cargo de uma transmissão histórica, cultural, social, portanto, imperfeita, constituindo-se a partir da herança da humanidade, a partir de dentro dela. Pelo fato da humanidade se constituir a partir de dentro, por ser gestada e dada como herança pelos próprios seres humanos, a formação de humanos se torna praticamente um imperativo, não só pelo fato de que as pessoas nascem, mas porque elas necessitam ser introduzidas no mundo onde constantemente crianças nascem.

SEM VERDADES INEQUÍVOCAS

Diante da responsabilidade colocada pela condição imanente, talvez seria mais fácil reivindicar um plano superior que garantisse certa segurança. Mas se algum dia existiu este plano superior, ou para usar uma metáfora nietzschiana, se algum dia existiu uma corda que ligasse a humanidade a um plano metafísico, esta corda encontra-se cortada e foi o próprio ser humano que a cortou. O ser humano, portanto, encontra-se impossibilitado de reivindicar qualquer tipo de solução transcendente, seja de cunho religioso, filosófico, científico, ou outro. Seu dilema é ter que viver, educar-se e fazer-se a todo instante na imanência do palco de sua condição, sem garantia alguma de que está no caminho certo.

Agora, assumir o pensar não-metafísico como ponto de partida do processo educacional implica em, pelo menos, um problema: se não há mais verdades, se



não tem um porto seguro a ser indicado, ainda é possível ensinar ou há algo que possa ser ensinado? Diante dessa problemática, é preciso afirmar que o encarar o fazer educacional no plano da imanência, para além do pensar metafísico, significa assumir a condição humana, que tem a linguagem como pressuposto e como condição de possibilidade. Certamente, nesta compreensão, pelo fato das verdades não estarem prontas e não serem definitivas, e uma vez que ninguém tem como se colocar do lado de fora do mundo comum para, a partir daí, pretender apresentá-lo tal como ele é, a primeira impressão é de que não haveria mais o que ser ensinado e nem aprendido.

Trata-se, contudo, apenas de uma impressão que é rapidamente desfeita na medida em que considerarmos que a narrativa humana acontece entre gerações. O acontecer entre gerações pode ser denominado de situação, experiência ou aprendizado pedagógico. A todo instante novos sujeitos são introduzidos no mundo e que não podem ficar jogados à própria sorte. Cabe aos sujeitos que habitam este mundo por mais tempo apresentar às novas gerações o mundo humano comum, por meio da linguagem, onde sujeitos se colocam em conversação. Trata-se de um acordo ou entendimento que vai se estabelecendo entre sujeitos, sendo que a responsabilidade da condução deste acordo cabe, fundamentalmente, aos sujeitos e instituições já constituidores de mundo, que já trilharam e apreenderam saberes fundamentais de se orientar e se constituir neste mundo.

Por isso, a autoridade das gerações que já se encontram neste mundo se assenta, acima de tudo, na apropriação da tradição. Em outras palavras, antes de serem ventríloquos da tradição, os pais, os professores, as instituições são cúmplices das experiências realizadas pela humanidade. Cumplicidade não no sentido de ratificar todas as experiências bem ou más sucedidas, mas no sentido de estabelecer um bom grau de intimidade com o saber constituído pela humanidade e, ainda, de repensá-las a partir da situação pedagógica em que se encontram inseridos.

INTRODUZINDO OS NOVOS NA FESTA DA HUMANIDADE



Sendo o humano um produto histórico, este não pode ser constituído sem processos de intervenção e, inclusive, de coerção. A todo instante novos sujeitos são introduzidos no mundo e não podem ficar jogados à própria sorte. Cabe à família, à escola, à sociedade, entre outras instituições sociais, apresentar às novas gerações o mundo humano comum, por meio da linguagem, onde sujeitos se colocam em conversação. Trata-se de um acordo ou entendimento que vai se estabelecendo entre sujeitos, sendo que a responsabilidade da condução deste acordo cabe, fundamentalmente, aos que já estão por mais tempo neste mundo, por estes já terem trilhado e apreendido saberes fundamentais para se orientar e se constituir enquanto humanos.

Valores e conhecimentos significativos da humanidade acabam formando o ser humano, ao mesmo tempo em que são transformados pelos seres humanos que sempre se constituem de modo diferente. Este processo se dá enquanto relação entre conservação e inovação que se estabelece entre as instituições educativas e as novas gerações que adentram a todo instante no mundo. As novas gerações necessitam se apropriar do que já está aí. Cabe, por isso, neste ponto, apresentar o dilema histórico entre gerações vivido pela personagem Mafalda do cartunista argentino Quino (2010, p. 84):



Para a personagem de Quino, as histórias escritas e contadas pelos adultos, bem como os ensinamentos em relação a comportamentos, costumes, modelos de



vida, etc., parecem ser uma imposição e coerção dos adultos; por outro lado, a própria personagem reconhece que se trata de *apenas* aparente imposição, uma vez que as novas gerações não se fizeram por si mesmas, mas sim pelos adultos e que, por isso mesmo, assumem a responsabilidade de escrever e de contar este mundo.

Continuando na perspectiva do raciocínio da Mafalda, não raras vezes as novas gerações não entendem e nem concordam com as histórias contadas pelos adultos, achando-as, inclusive, obsoletas. Mas, esperta como a personagem Mafalda é, reconhece que, assim como entrar no cinema no meio de uma sessão é difícil de compreender o que se passa no filme, também é difícil de compreender o que se passa no mundo constituído pela humanidade. Portanto, por mais difícil que seja aceitar a coerção dos adultos em relação às novas gerações, é preciso reconhecer que não se pode produzir um humano sem nenhum tipo de tradição e de coerção, sem processos de intervenção.

A humanidade constituiu uma gama de saberes que são razoáveis do ponto de vista em que se encontra cada geração na sua atualidade e, por isso, cabe fundamentalmente aos adultos apresentar as potencialidades e as ruínas deste mundo, no sentido de oferecer referências que constituem o mundo humano comum. Estes saberes possibilitam acolher e orientar as novas gerações no mundo em que acabam de chegar, pois as mesmas necessitam aprender com os que os antecederam. Ou seja, de modo análogo a um recepcionista de uma festa, cabe à escola, à família, à sociedade apresentar a festa da humanidade, com seus erros e acertos, com seus valores e convicções, com suas normas e regras convencionadas até então, mesmo que sempre precárias falíveis e provisórias.

O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público (ARENDETT, 2015, p. 68).

A educação de modo geral e as instituições como a família e a escola em particular são formas sistemáticas que a humanidade encontrou para apresentar, às



novas gerações, o mundo comum. Para usar uma definição de Bourdieu (2002, p. 2), a educação, por um lado, deve ser pensada e pautada pelo que melhor se construiu enquanto “capital cultural”. Por outro lado, a educação tem também um caráter de preparar as novas gerações para se juntarem à ruína que a humanidade milenar carrega e, assim, evitar novas e grandes catástrofes. Neste sentido, enquanto exercício de amor e de responsabilidade pelo mundo, a educação, além de ser um freio à nossa animalidade, é uma espécie de baú cheio de tesouros e de ruínas milenares.

Apesar das inúmeras crises e críticas em relação à escola, este é o modo que a humanidade estabeleceu, até agora, para cuidar dos principais referenciais, para preparar as novas gerações a pensarem o mundo e não apenas se adaptarem a ele tal como ele é. “Para a própria criança, a escola é o primeiro lugar fora de casa em que ela estabelece contato com o mundo público que a rodeia e à sua família. Esse mundo público não é político, mas social, e a escola é para a criança o que um emprego é para um adulto” (ARENDDT, 2004, p. 280). Certamente outros modos educativos podem e devem ser produzidos. Mas escola não é algo dado, não possui uma natureza, uma essência, uma característica pré-definida. Ela é um artifício, uma criação humana. Nós a inventamos a partir de nossas proposições. Neste sentido, a escola não poderá jamais ser a imagem e semelhança das novas gerações, mas sim daquilo que os adultos constituíram como um mundo razoável de educar as novas gerações.

Por fim, consideramos a relação que se estabelece entre gerações sempre em situação de aprendizagem pedagógica recíproca. Quando esta situação pedagógica não estiver garantida, facilmente se tem assistencialismo ou autoritarismo pedagógico. Em ambos os casos, estaríamos promovendo uma espécie de “catecismo laico”, tendo um pacote fechado de conhecimentos, com uma série de orientações normativas, que possibilitariam a aquisição de bons conhecimentos, mas não seriam um espaço de condição de possibilidade para as novas gerações se orientarem e introduzirem uma novidade no mundo comum. Afinal de contas, “nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta” (ARENDDT, 2004a, p. 243).



CONCLUSÃO

A ideia de educação e formação aqui perseguida é de que a mesma se dá em algum lugar ou em algum ponto *entre* o abandonar e o sufocar as novas gerações, tendo como pressuposto a perspectiva não-metafísica de pensamento. Mas este ponto ou este lugar não estão e não estarão jamais dados. Talvez muitas escolas, pais, educadores e instituições gostariam que este lugar pronto e acabado fosse apresentado. Numa perspectiva não-metafísica, contudo, cabe a cada educador, em cada contexto, encontrar a justeza deste ponto ou deste lugar. E, se uma vez encontrado, jamais será definitivo, uma vez que “a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações” (KANT, 1999, p. 19).

Por isso, todos os esforços feitos pelas gerações adultas, por meio da educação, não deveriam ser na intenção de apenas colecionar e transmitir saberes, mas em educar as novas gerações para se orientarem neste mundo. Tem-se um problema, em termos educacionais, quando a escola acaba se apequenando ao tamanho dos recém-chegados; quando os professores se eximem da responsabilidade de “enfrentar” os alunos; quando os pais se esquecem que o mundo não começa com as crianças; quando não se dá mais lugar à tradição e se supervaloriza a novidade; quando a herança deixada pela humanidade é desvalorizada.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Trad. Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014b.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014a.



ARENDR, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1999.

QUINO. *Toda a Mafalda*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.